



I SEMINÁRIO
PROFGEO
URCA
OS DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA
CULTURA ACADÊMICA NA
PÓS-GRADUAÇÃO



AS GEOGRAFIAS FEMINISTAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA:

presenças, ausências e silenciamentos da abordagem de gênero nos currículos das universidades federais do nordeste brasileiro.

Ana Beatriz de Brito¹

Clesley Maria Tavares do Nascimento²

INTRODUÇÃO

A formação docente em Geografia no Brasil ainda se estrutura majoritariamente sobre referenciais epistemológicos tradicionais, pouco críticos e centrados na transmissão de conteúdos (CAVALCANTI, 2012). Essa conformação histórica resultou na marginalização de debates relacionados a gênero, sexualidades e interseccionalidades, produzindo lacunas na compreensão da dimensão socioespacial das desigualdades e limitando a incorporação de experiências e identidades diversas na educação geográfica.

Apesar do avanço das geografias feministas desde o final do século XX, persistem resistências à inclusão de gênero como categoria analítica na Geografia, especialmente na formação inicial de professores, onde ainda há lacunas significativas quanto à abordagem crítica das relações de gênero (MORAIS; SOUZA, 2022; LOURO, 2000). Tais resistências dialogam com a própria tradição epistemológica da Geografia, historicamente marcada pela invisibilização de mulheres e identidades dissidentes (SILVA, 2009; MONK; HANSON, 2016).

No contexto das universidades federais do Nordeste brasileiro, torna-se relevante investigar como a abordagem de gênero é tratada nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), matrizes curriculares e ementas das licenciaturas em Geografia, considerando o papel estratégico das instituições públicas na promoção de práticas educativas comprometidas com a equidade de gênero. A investigação da abordagem permite compreender como determinadas perspectivas são incorporadas, minimizadas ou excluídas do processo formativo docente.

Os objetivos deste estudo orientam-se pela necessidade de compreender como as discussões de gênero vêm sendo incorporadas na formação inicial de professores de Geografia. Para alcançar tal finalidade, a pesquisa em desenvolvimento propõe, inicialmente, compreender de que modo a relação entre espaço geográfico e gênero é tratada na educação geográfica,

¹ Mestranda PROFGEO/URCA, anabeatriz.brito@urca.br

² Profa. Dra. PROFGEO/URCA, cleysley.tavares@urca.br



considerando as contribuições teóricas das Geografias Feministas. Em seguida, busca-se identificar, nos PPCs e nas matrizes curriculares das licenciaturas analisadas, a forma como a temática de gênero aparece e como é evidenciada nas disciplinas ofertadas à formação docente.

A problemática que orienta este estudo pode ser sintetizada na seguinte questão: de que maneira a abordagem de gênero é contemplada nos currículos das licenciaturas em Geografia das universidades federais do Nordeste brasileiro e quais silenciamentos se evidenciam nesse processo? A relevância da investigação reside na necessidade de consolidar uma formação docente que incorpore discussões contemporâneas sobre gênero, capazes de subsidiar práticas pedagógicas alinhadas à equidade de gênero na sociedade.

Considerando que os currículos desempenham função reguladora e política (APPLE, 2004), compreender sua estrutura é fundamental para identificar limitações e potencialidades no tratamento das temáticas de gênero na educação geográfica. Assim, este artigo, derivado de pesquisa em desenvolvimento, tem como objetivo geral investigar, à luz das geografias feministas, as presenças, ausências e silenciamentos na abordagem de gênero nos cursos de licenciaturas em Geografia, de universidades federais do nordeste brasileiro.

Freire (2011) argumenta que uma prática docente comprometida com a emancipação exige a recusa de qualquer forma de discriminação, e isso implica o gênero, a raça, a classe, tudo o que ofende a substantividade de uma pessoa. Ao evidenciar como o gênero é tratado ou silenciado nos currículos das licenciaturas em Geografia, este artigo contribui para o avanço das discussões sobre formação docente, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que podem orientar a construção de práticas e políticas curriculares mais equitativas no campo da educação geográfica.

FALANDO SOBRE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

As geografias feministas surgem como campo de investigação geográfica bebendo da fonte do movimento feminista, mas também, o alimentando (OBERHAUSER *et al*, 2003). O contexto histórico de seu nascimento é a década de 1970, entorno da “segunda onda” do feminismo, marcada no Brasil pela luta contra a repressão política, direitos reprodutivos e controle sobre seu próprio corpo, assim como, questionamentos sobre normas sociais de gênero, que envolviam a ponte entre o trabalho, a maternidade e afazeres domésticos (MENEZES; FERREIRA, 2024).

Se o movimento feminista anseia por dar visibilidade a minorias, até então distantes do foco de debates da sociedade patriarcal, as geografias feministas se colocam em oposição às



perspectivas universalistas, ao problematizar abordagens que limitam a construção de epistemologias próprias, livres de proposições genéricas (SANTOS; SILVA, 2021). É necessário frisar que as pessoas invisibilizadas pelo discurso hegemônico não estão estáticas e fazem frente aos dissabores ao pensamento universalista.

De acordo com Silva (2009, p. 26):

A conquista da hegemonia do saber geográfico branco, masculino e heterossexual se dá pelas relações de poder que se praticam sobre o conjunto social. Contudo, os grupos subordinados são ativos e exercem um contrapoder à ordem estabelecida. O poder apresenta fissuras e implica múltiplos feixes de relações. Assim, a subordinação das pessoas ao discurso hegemônico se estabelece por meio de tensões, que desestabilizam a pretensa universalidade científica. Nessa perspectiva, emergiram as chamadas “geografias feministas”, desenvolvidas com o objetivo de desafiar a crença fundamentalista da universalidade do saber geográfico estabelecido, por meio da reivindicação de novas versões científicas que pudessem trazer para a visibilidade grupos sociais repudiados pelo conhecimento hegemônico.

Desse modo, as geografias feministas surgiram para dar voz aos corpos que antes eram invisibilizados e generalizados pelo saber geográfico, marcado por uma raiz androcêntrica, branca e heterossexual. As geografias feministas questionam a neutralidade da ciência geográfica e revelam que o conhecimento é socialmente situado, sendo produzido a partir de posições concretas e historicamente determinadas (HARAWAY, 1988; SILVA, 2009; MASSEY, 1994).

As geografias feministas lançam a compreensão de que o espaço geográfico não é neutro, mas construído socialmente a partir de relações de poder e desigualdade. Essa perspectiva rompe com a noção tradicional de um espaço homogêneo e universal, destacando que as experiências espaciais são múltiplas e atravessadas por gênero, raça, classe e sexualidade (SILVA, 2009). Assim, mulheres, pessoas negras, indígenas e LGBTQIAPN+ vivenciam e significam o espaço de maneiras distintas, o que revela formas diversas e igualmente legítimas de conhecimento sobre o mundo.

Deste movimento emergem iniciativas de tornar visíveis grupos ausentes da produção científica geográfica e desenvolvem-se os estudos sobre mulheres, gays e lésbicas, procurando evidenciar suas expressões materiais de produção do espaço, como a distribuição espacial das moradias e áreas de lazer, os deslocamentos físicos e as inserções desses grupos nas relações produtivas e reprodutivas da sociedade burguesa e patriarcal (SILVA, 2009, p. 96).

Pensar o espaço geográfico sob a ótica das mulheres e de identidades dissidentes parte da noção de que o espaço é produzido socialmente, atravessado por relações de poder, e não uma estrutura neutra (SILVA, 2009). Massey (2005) e Rose (1993) corroboram o



I SEMINÁRIO
PROFGEO
URCA
OS DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA
CULTURA ACADÊMICA NA
PÓS-GRADUAÇÃO



entendimento de que o espaço não é neutro, mas imbricado por relações que envolvem o poder e inclui as relações desiguais de gênero, demonstrando que a organização espacial reflete e reproduz hierarquias sociais. Ambas argumentam a importância de inserir a perspectiva de gênero nos estudos geográficos. Assim, pensar o espaço a partir dessas perspectivas permite reconhecer a pluralidade das experiências e desafiar o universalismo das epistemologias dominantes.

O conceito de gênero, enquanto categoria de análise social é central para compreender como desigualdades de poder se reproduzem no contexto educacional. Scott (1995) define gênero como uma categoria útil de análise histórica, que nos permite examinar a forma como as relações de poder estruturam experiências e significados sociais distintos para homens e mulheres. Louro (2000) pontua que tanto o gênero quanto a sexualidade são construções sociais e culturais, e não expressões naturais ou biológicas. A escola, como instituição social, participa ativamente na produção e na reprodução dessas construções. Além disso, Butler (2003) reforça que as identidades de gênero não são fixas, mas performativas, sendo produzidas e reproduzidas nas práticas sociais e educativas.

As contribuições das Geografias Feministas para a Educação Geográfica permitem observar como o currículo e as práticas pedagógicas incorporam (ou não) perspectivas de gênero. Segundo Cavalcanti (2012), ao incorporar o ensino da Geografia no currículo como espaço de reflexão crítica, promovem-se condições para que os estudantes compreendam como as relações de poder e as identidades se produzem nos lugares e nos espaços que habitam, questionando as formas de organização e desigualdade nele presentes. Nesse contexto, a formação inicial de professores/as surge como espaço estratégico para a promoção de uma pedagogia inclusiva, capaz de questionar opressões históricas e visibilizar grupos marginalizados.

Quem educará os educadores? É necessário que se auto-eduquem e eduquem escutando as necessidades que o século exige, das quais os estudantes são portadores. É certo que a reforma se anunciará a partir de iniciativas marginais, por vezes julgadas aberrantes, mas caberá à própria Universidade levá-la a cabo. É óbvio que críticas e questionamentos externos nos fazem falta, mas sobretudo o que faz falta é um questionamento interior (MORIN, 2003, p. 21).

Contudo, a inclusão do gênero na formação docente enfrenta dificuldades históricas significativas. A invisibilização de temas relacionados a gênero e sexualidade, somada a resistências institucionais e à naturalização das diferenças, reforça práticas pedagógicas excludentes e currículos neutros apenas na aparência (SAFFIOTI, 2004; LOURO, 2000). Butler



(2003) aponta que a educação muitas vezes reproduz normas heteronormativas, enquanto Apple (2004) e Giroux (2001) enfatizam que o currículo escolar é uma construção política e cultural, nunca neutra, que pode legitimar ou silenciar determinadas perspectivas sociais.

Estudos sobre políticas curriculares e Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) demonstram que a inclusão de gênero depende da intencionalidade institucional e da articulação entre teoria e prática docente (SILVA, 2016; LOURO, 2000). Silva (2016) destaca que os currículos são documentos de identidade que refletem escolhas políticas e concepções de mundo; portanto, a ausência de gênero representa uma forma de exclusão simbólica, perpetuando visões hierárquicas e limitadas sobre a sociedade.

Na medida em que reflete a epistemologia dominante, o currículo existente é também claramente masculino. Ele é a expressão da cosmovisão masculina. O currículo oficial valoriza a separação entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição (SILVA, 2016, p. 94).

Diante desse contexto, a inserção de gênero nos currículos de licenciaturas em Geografia vai além da inclusão formal de temas. Envolve pensar a ciência geográfica sob o viés das mulheres e identidades dissidentes, garantindo que sejam reconhecidas como fontes legítimas de conhecimento. Autores da educação geográfica brasileira, como Callai; Cavalcanti (2023) e Kaercher; Bohrer (2020), reforçam que a formação inicial de professores/as desempenha papel central para consolidar uma educação geográfica crítica, plural e inclusiva, capaz de questionar desigualdades e promover justiça social.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A investigação caracteriza-se como qualitativa e documental, por buscar compreender significados, valores e tensões expressos nos documentos que orientam a formação docente em Geografia. A abordagem qualitativa é adequada quando se pretende interpretar fenômenos sociais em profundidade, considerando dimensões simbólicas e discursivas que não podem ser quantificadas (MINAYO, 2007).

O corpus documental compreenderá os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), matrizes curriculares e ementas das licenciaturas em Geografia das universidades federais do Nordeste. Esses documentos serão coletados nos portais institucionais ou mediante contato com coordenações de curso, garantindo abrangência e representatividade regional.



I SEMINÁRIO
PROFGEO
URCA
OS DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA
CULTURA ACADÊMICA NA
PÓS-GRADUAÇÃO



A análise dos dados seguirá os princípios da análise de conteúdo de Bardin (2002), que pressupõe a técnica sendo continuamente reinventada, de modo a adequar-se ao contexto e aos objetivos da pesquisa. Nessa perspectiva, o material será organizado em categorias analíticas que possibilitem compreender padrões, recorrências, ausências e sentidos atribuídos aos conteúdos relacionados a gênero nos currículos de Geografia.

Para complementar o processo analítico, a pesquisa adotará a orientação de Silva e Silva (2016), que propõem o uso de *softwares* livres para visualização de dados qualitativos. Nesse sentido, o *software Gephi* será utilizado para representar, em redes de conexões, a intensidade e a distribuição da abordagem de gênero entre as universidades, oferecendo uma leitura gráfica e interpretativa das relações curriculares identificadas.

Assim, a metodologia adotada articula análise documental, técnica de análise de conteúdo e recursos de visualização gráfica, permitindo captar tanto a presença explícita quanto os processos de apagamento e resistência que configuram a abordagem de gênero na formação docente em Geografia. Os achados documentais serão articulados aos referenciais teóricos das geografias feministas, permitindo compreender a formação docente a partir de uma perspectiva crítica e comprometida com a equidade de gênero.

DA PESQUISA À PRÁTICA EDUCACIONAL

A pesquisa em desenvolvimento organiza-se em três capítulos, cada um vinculado a um dos objetivos específicos da pesquisa, articulando fundamentação teórica, análise documental e proposição de intervenção pedagógica. O Capítulo 1, intitulado “Relação entre espaço geográfico e gênero na educação geográfica”, investiga como espaço e gênero se articulam na educação geográfica, a partir das Geografias Feministas. Será abordado o conceito de gênero, bem como uma crítica à neutralidade do espaço.

O Capítulo 2, a “Presença e tratamento da abordagem de gênero nos currículos de licenciaturas em Geografia”, concentra-se na análise documental de PPCs, matrizes curriculares e ementas das licenciaturas em Geografia das universidades federais do Nordeste. A partir da análise de conteúdo e dados coletados, identifica presenças, ausências e silenciamentos da temática de gênero, articulando os dados às Geografias Feministas e discutindo como o papel do currículo na formação docente.

O Capítulo 3 apresenta a “Proposição de inclusão da disciplina “Gênero e Sexualidades” e estratégias de intervenção”. Serão detalhadas estratégias de implementação, conteúdos, objetivos e metodologias, assim como o desenvolvimento da cartilha “Gênero e Educação



Geográfica: práticas e possibilidades para o ensino”, destinada a docentes da Educação Básica e estudantes de licenciatura. A cartilha fundamenta-se nas contribuições das Geografias Feministas e das teorias críticas do currículo, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para a inserção da temática de gênero no ensino de Geografia.

O produto educacional contempla conteúdos sobre conceitos fundamentais de gênero e interseccionalidade, relações entre espaço e poder, e orientações para práticas pedagógicas que articulem Geografia e desigualdades socioespaciais. Espera-se que a cartilha contribua para fortalecer práticas docentes inclusivas, reconhecendo a pluralidade das experiências espaciais e promovendo debates essenciais à formação de sujeitos críticos, tensionando silêncios curriculares e ampliando o repertório didático voltado à equidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou a proposta de investigação sobre a abordagem de gênero na formação docente em Geografia, evidenciando a relevância do tema frente às lacunas identificadas nos currículos e práticas de formação. A pesquisa ainda se encontra em andamento, e os próximos passos incluem a coleta e análise dos documentos curriculares, a sistematização das informações obtidas, bem como a elaboração do produto educativo planejado: uma cartilha voltada para professores de Geografia, que possa orientar a inserção de discussões de gênero em suas práticas pedagógicas.

As disciplinas cursadas ao longo do mestrado contribuíram significativamente para a construção do referencial teórico, fornecendo bases epistemológicas sobre gênero, currículo e metodologias qualitativas, bem como instrumentos analíticos para a interpretação crítica dos documentos e práticas docentes. Esse percurso formativo tem possibilitado o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva, fortalecendo a capacidade de articular teoria e prática na educação geográfica.

Espera-se que a pesquisa venha a contribuir para o campo de estudo ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos sobre a inclusão da temática de gênero na formação de professores de Geografia, promovendo reflexão crítica sobre currículos e práticas docentes. Além disso, o produto educacional proposto poderá servir como recurso prático, auxiliando professores a incorporar perspectivas de gênero de maneira consistente e contextualizada em suas aulas.



REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALLAI, H. C.; CAVALCANTI, L. S. Formação inicial de professores de Geografia no Brasil: diretrizes e demandas para uma qualificação profissional. **REIDICS: Revista de Investigación en Didáctica de las Ciencias Sociales**, n. 13, p. 33–51, 2023. DOI: 10.17398/2531-0968.13.03.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de geografia na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIROUX, Henry A. **Cultura, poder e transformação na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.
- KAERCHER, N. A.; BOHRER, M. Docencio, logo, existo: crenças que movem o professor formador de professores: que diferença podemos fazer em nossos alunos? **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 323–344, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.743.
- LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: [s.n.], 2000.
- MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MASSEY, Doreen. **For space**. London: SAGE Publications, 2005.
- MENEZES, L. P.; FERREIRA, L. S. Ingresso de mulheres no trabalho pedagógico no Brasil: ondas do feminismo e a educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**,



Araraquara, v. 19, n. 00, p. e024103, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18668>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MONK, Janice; HANSON, Susan. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alcides Baptista (orgs). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2016.

MORAIS, Juliana Mendes de; SOUZA, Vanilton Camilo de. A abordagem de gênero e o ensino de geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 26, e20, 2022. DOI: 10.5902/2236499465813. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/65813>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2003.

OBERHAUSER, Ann M.; RUBINOFF, Donna; BRES, Karen D.; MAINS, Susan; POPE, Cindy. Geographic Perspective on Woman. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Orgs). **Geography in America at the Dawn of the 21st Century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, 820 p.

ROSE, Gillian. **Feminism and geography: the limits of geographical knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

SANTOS, Maria Aline dos; SILVA, Juniele Martins. As geografias feministas na Base Nacional Comum Curricular: discussões de gênero, sexualidade e racialidades nos anos finais do ensino fundamental. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 23, n. 1, p. 55–88, 2021. DOI: 10.70261/er.v23i1.70913. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/70913>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.



I SEMINÁRIO
PROFGEO
URCA

OS DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA
CULTURA ACADÊMICA NA
PÓS-GRADUAÇÃO



SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/10980>>. Acesso em: 5 nov. de 2025.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed., 8. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.